

TEATRO / A Estréia de Ontem

Flávio Marinho

O Rei: Entre Ramos e a Broadway

Ha quase dez anos, quando estreava "O Bem-amado" no Teatro Princesa Isabel, o público carioca não tinha o prazer de ver encenada uma peça inédita de Dias Gomes. Agora, reinaurando o João Caetano, vem preencher esta lacuna seu despretenso e bem-humorado "Rei de Ramos". Nele, com rápidas pinceladas, Dias traça

o painel de uma parcela do subúrbio carioca, seus mandros e policiais corruptos, através da rivalidade de dois bicheiros — Mirandão (Paulo Gracindo) e Brilhantina (Felipe Carone) — cujo código de ética e moral obedece critérios muito especiais e pessoais. Na realidade, ambos revelam-se dois tiranos de

provela em seus pontos de bicho feudais. Ao mesmo tempo, não é por mera coincidência que o nono quadro se intitula "onde se rouba um pouco do velho Shakespeare que por sua vez roubou muita gente". Isso porque desenvolve-se, paralelamente, uma história de amor impossível entre Tais (Marília Barbosa) e Marcos (Marcio Augus-

to) — filhos dos bicheiros rivais — digna de "Romeu e Julieta", ou, se preferirem, de "Amor, sublime amor" ("West side story"). Seja como for, Mirandão está para os Montechios, assim como Brilhantina para os Capuletos — ou se- rá o contrário?

De qualquer forma, os diálogos são ágeis, a narrativa bem acionada. E Dias tem, inclusive, a oportunidade de lançar mão, com habilidade, do (já) célebre recurso do "gancho" dos capítulos de telenovelas (só que aqui são quadros). Até a subita "virada" da personalidade de Brilhantina está bem próxima da técnica da telenovela, assim como o golpe final da personagem-título. Ao todo, são 17 quadros — que seguem, de perto, a estrutura do sketch de revista — muito bem amarrados a músicas integradas na ação dramática. Não existe a preocupação de aprofundar idéias ou temas. A intenção era armar o texto de tal forma que a narrativa surgisse fluente, servindo de base para uma comédia musical. E a verdade é que toda a trama vem muito bem estruturada e mastigada — pronta para ser encenada.

A direção de Flávio Ran- gel alterna a busca de uma linguagem de musical brasileiro com momentos mal xerocados de uma típica

musical comedy da Broadway. Ou seja, nas chamadas cenas declamadas, há uma intencional procura do clima chanchadístico e caricato dos programas humorísticos da Rádio Nacional, que sublinha a crítica social e sátira política do texto. Enquanto isso, os números musicais resultam frouxos e frustrados quando a coreografia de Fernando Azevedo quer ser sinorizada e milimetrada (ou americanizada) e inequivocamente comunicativos quando se coloca a ser- viço do vigor e qualidade da música e versos de Chico Buarque e Francis Hime. Vale ressaltar a direção musical de Hime, que chega a realizar pequenos milagres, principalmente em termos de arranjo, com parcos recursos instrumentais e vocais. Os cenários de Gianni Ratto são, por vezes, deslocadamente lúgubres (beirando a commedia dell'arte), contrapondo-se aos divertidos e coloridos figurinos de Kalma Murinho. No elenco, destacam-se Paulo Gracindo, Felipe Carone e Carlos Koppa, enquanto os barlarios se sentem mais à vontade nas coreografias menos marcadas. Mesmo assim, trata-se de um espetáculo visualmente cuidado, artesanamente bem acabado — e apoiado nas boas condições técnicas do teatro.